



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

CONSTRUINDO UM MOSAICO DA PROFISSÃO DOCENTE NA ESCOLA ELEUTÉRIO RESENDE EM FLORIANO-PI: MASSIFICAÇÃO FEMININA (2000-2010)

João Antônio de Sousa Lira

Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí. Email: joao.lira.antonio@hotmail.com

RESUMO: Os estudos sobre gênero no meio acadêmico ainda são muito escassos, deste modo gênero com outros indicadores que se associam aos projetos de desenvolvimento criam condições de problemas que se apresentam desiguais nas relações entre homens e mulheres, onde a superioridade do “homem” é repassada através de crenças, costumes, tradições, e de instituições sociais que construíram socialmente o “ser homem” e o “ser mulher” como sujeitos opostos em relação a trabalho, poder, emprego, educação, dentre outras. Assim este artigo versa sobre o processo de massificação feminino no magistério na Escola Municipal Eleutério Resende em Floriano – PI no período de 2000 a 2010. Notou-se que durante este período houve um aumento significativo de mulheres atuando na docência da referida escola decorrente de vários fatores históricos, entre eles, o de que a mulher esta ligada ao estereotípico maternal, e com isso é considerada mais qualificada para lidar com crianças. Notou-se também que princípios da docência ultrapassam o “espírito materno”, o “dom”, ou a “vocação para a docência”, e chegamos a uma compreensão de que, para exercer a docência é necessária antes de tudo a profissionalização, e isso implica em estudos, determinação e principalmente acreditar que podemos transformar a sociedade, realizando sonhos de crianças.

Palavras-Chave: Gênero. Feminização do Magistério. Docência.

Introdução

Os estudos sobre gênero no meio acadêmico ainda são muito escassos, deste modo gênero com outros indicadores que se associam aos projetos de desenvolvimento criam condições de problemas que se apresentam desiguais nas relações entre homens e mulheres, onde a superioridade do “homem” é repassada através de crenças, costumes, tradições, e de instituições sociais que construíram socialmente o “ser homem” e o “ser mulher” como sujeitos opostos em relação a trabalho, poder, emprego, educação, dentre outras. De acordo com Silva (2000, p.17) “sexismo é uma tendência a inferiorizar as mulheres e (...) manifesta-se tanto em práticas institucionais e sociais de discriminação das mulheres quanto em práticas discursivas que expressam visões que tendem a inferiorizá-las”. Desta forma surge a



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

necessidade de uma nova consciência política para desmistificar as crenças já arraigadas da submissão do gênero feminino.

A emergência de grupos de consciência com uma agenda política para a mudança de práticas que permanecem na reclusão doméstica, bem como o projeto de reapropriação do próprio corpo pelas mulheres, são temas resultantes do movimento feminista em muitas partes do mundo, assumindo diferentes características em cada lugar e em cada espaço social” (AGUIAR,1977) p.14

Ao falarmos em relações de gênero não estamos nos referindo apenas nos condicionantes pejorativos que as mulheres carregam em sua história, sabemos que os homens, e aqui referimo-nos ao sexo masculino, também carregam alguns estigmas, no entanto privilegiamos neste trabalho a história da educação das mulheres da cidade de Floriano no período de 2000 a 2010, mais precisamente o processo de massificação feminina na Escola Municipal Eleutério Resende.

Este trabalho concentra-se na perspectiva da Nova História, que para Bruke (1992) esta começou a se interessar por toda a atividade humana, ou seja, por uma história vista por um novo paradigma, diferenciado da proposta da história tradicional, vista de cima, no entanto a nova história privilegia opiniões de pessoas comuns.

No tocante ao tema deste artigo que é o processo de massificação feminino no magistério na Escola Municipal Eleutério Resende em Floriano – PI nos anos de 2000 a 2010, podemos dizer que durante este período centralizou-se uma grande quantidade de mulheres no exercício da profissão. Isto é, decorrente de vários fatores históricos, entre eles, o de que a mulher esta ligada ao estereotípico maternal, e com isso é considerada mais qualificada para lidar com crianças. Desse modo, “Que outros motivos justificam a massificação feminina no magistério na Escola Municipal Eleutério Resende?”.

Historicamente a mulher recebia uma educação diferenciada da dos homens, é importante destacar que a profissão docente nos primórdios era exercida somente pelos homens, tempos depois que o espaço para o exercício de mulheres na profissão foi conquistado, assim como foram conquistados outras profissões que eram exercidas apenas por



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

homens. Com base nos relatos de professoras e observações das dinâmicas do lugar, buscamos retratar os motivos que levaram as mulheres ingressar no magistério. “Não se trata (...), de entendê-los apenas na história do presente ou de determinado passado, mas de procurar identificar a dinâmica do lugar, as transformações do espaço, e articular esse processo às relações externas, a outros “lugares.” (BITTENCOUR, 2004, p.172)

Construindo um mosaico da profissão docente: Homens X Mulheres?

Na Grécia antiga, surgem os primeiros instrutores e educadores, em que Hengemuhle (2007,p.68) explica que os mesmo “tinham a função de instruir os costumes e a ética, além de existir profissionais da educação, que exerciam atividades diferentes”. De acordo com Brandão (2007,p.42) “de um lado desprezível mestre-escola e artesões-professores; de outro, escravos pedagogos e educadores nobres.” Como vimos todos homens. No séculoXVI, surgiram os jesuítas com a função de ser professor, Hengemuhle (2007) afirma que os jesuítas davam prioridade ao ensino espiritual e moral, porém nesse momento da história da humanidade já havia um rigor na formação do professor.

Percebemos que a profissão docente nasceu da necessidade da instrução e educação dos indivíduos em sociedade, pois, as transformações que vão ocorrendo na sociedade exigem profissionais cada vez mais competentes, principalmente no âmbito educacional. Hengemuhle (2007, p.67) diz que “ o surgimento da função do professor se deve ao fato de haver necessidades de complementação e de ajuda na formação das crianças para as famílias, buscando uma melhor inserção social”.

E enquanto a mulher? Durante muito tempo, a mulher era instruída somente para os fazeres domésticos, ou seja, a mesma aprendia a cuidar da casa, do marido e dos filhos. Fenélon (Apud, Aranha 2006, p 158) deixa claro isso a mencionar que, “só as moças de tendências excepcionais seriam encorajadas a continuar os estudos, enquanto as demais se reservavam a educação religiosa e moral, que enriqueceriam a vida domestica de mães e esposas.” Notamos que as mulheres de uma camada social privilegiada detinham de uma educação ligada à formação intelectual, no entanto, era muito precária, enquanto as mulheres



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

desfavorecidas economicamente o aprendizado era voltado somente aos de como lidar com o lar. Muitas vezes a instrução da mulher era direcionada para o aprendizado de técnicas e da moral. Catani (Apud Rabelo, 2000, p. 61-71) deixa explícito essa ideia:

(...) a ênfase do ensino feminino [era] nas boas maneiras, nas técnicas, na aceitação da vigilância, na aparência, a formação moralista. Coisa adequada quando o ensino fundamental se destinava a classes populares, pois, o que estava em jogo não era difundir as perigosas luzes do saber, mas disciplinar as condutas e frear a curiosidade.

A educação nesse contexto foi pouco significativa para as mulheres, pois o interesse principal estava em “domá-la”, ou seja, deixar a mulher a par dos conhecimentos valiosos, pretendendo dessa forma reduzir as atividades destas apenas aos serviços domésticos, e a formas de condutas.

No século XVI essa forma de educação direcionada para as mulheres tomam forças na implantação de internatos como afirma Fénelon (Apud Aranha, 2006, p.158) “ o internato pretendia ser a alternativa secularizada aos conventos femininos, excessivamente rigorosos na disciplina e na moral, e negligentes na formação intelectual.” Esse contexto ultrapassa períodos históricos e chega até a atualidade, em que a mulher ainda luta por uma educação mais igualitária, sem discriminação nas relações de gênero.

Muitos países também entraram nessa batalha criando e aprovando leis que vigorassem os direitos justos na educação, um registro de lei é a “Declaração Mundial sobre Educação para Todos” (Jontiem, Tailândia, 1990, em que Torres (1996, p.56), deixa claro que “a prioridade mais urgente é garantir o acesso e melhorar a qualidade da educação para crianças e mulheres, e suprimir obstáculos que se opunham a participação ativa, devendo ser eliminados da educação todos os estereótipos em torno dos sexos.” São evidentes as ações políticas para trazer uma igualdade de gênero na educação, mas ao observarmos a prática não é bem isso que acontece, pois a discriminação por gênero é uma realidade, e soa mais forte em nossa cultura. Torres (1996, p. 57) afirma que “a equidade da mulher com respeito a educação, tem que ver como a mulher não só enquanto aluna, mas também enquanto mãe de família, todas elas discriminadas diante de seus respectivos homólogos masculinos”



A realidade se torna até truculenta, ao ponto de favorecer o sexo masculino a certas regalias diante da sociedade, desse modo a mulher se torna vítima tanto na educação, como na vida social.

Um novo olhar sobre a profissão docente: A feminização do magistério

Primeiramente, é válido lembrar que a profissão docente era concebida para homens, e somente eles poderiam estudar e ensinar. Mas essa realidade em que o homem predominava na profissão docente perde força no início do século XX. Louro (1997,p.77) afirma que

A escola, como espaço social que foi se tornando, historicamente, nas sociedades urbanas ocidentais, um lócus privilegiado para a formação de meninos e meninas, homens e mulheres, e ela própria, um espaço generificado, isto é, um espaço atravessado pelas representações de gênero em nosso país, como em vários outros, esse espaço foi, a princípio marcadamente masculino.

Notamos na história que a mulher, nem sempre predominou na docência, no entanto essa fase dura pouco tempo, pois como diz Freitas (Apud Rabelo et al, 2000, p. 61) “(...) Após a Revolução Francesa com a ascensão da burguesia a mulher é chamada a assumir o seu ‘papel social’ na educação dos filhos”. Isto é, a mulher além de se responsabilizar pela educação dos seus filhos, a mesma iria exercer o papel de professora.

Uma pesquisa feita pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) demonstrou tal realidade em que historicamente a mulher evoluiu de uma educação do lar, no período colonial, para uma participação tímida nas escolas públicas mistas do século XIX, depois para uma presença significativa na docência do ensino primário, seguida de uma presença hoje majoritária em todos os níveis de escolaridade, e de uma expressiva participação na docência da educação superior. Assim através dessa caracterização da mulher no magistério, abriu-se caminho para que a mulher exercesse profissionalmente o papel de instruir, pois agora o magistério era considerado um trabalho feminino por excelência



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

. De acordo com dados da sinopse do professor da educação básica, divulgada pelo Ministério da Educação no fim de 2010, existiam quase 2 milhões de professores, dos quais mais de 1,6 milhões eram do sexo feminino, com podemos dizer que a mulher conquistou seu lugar no mercado educacional.

No entanto, mesmo sendo minoria o gênero masculino no magistério, é de certa maneira privilegiada, com isso, a discriminação e as desigualdades se fazem presente na profissão docente, as disparidades salariais e o tratamento de iniquidade entre homens e mulheres persistem nesse campo.

É notória a conquista da mulher, em adquirir seu espaço no mercado de trabalho, no entanto, isso não foi suficiente para que a discriminação e a desigualdade desaparecessem, pois o homem ainda continuou ganhando melhores salários, mesmo os dois sexos ocupando o mesmo cargo, com isso a mulher é desvalorizada profissionalmente. O salário disponível para a mulher na sua vida profissional era insuficiente por varias razões. De acordo com Rabelo (et al 2000, p.61) “ o salário da mulher (que já era pouco) poderia ser menor, até porque esse dinheiro não era para sustentar a família, pois cabe ao homem essa função”. Como percebemos, o homem era o centro da família, e deveria trazer condições de vida para a mesma, e isso refletia diretamente na sua profissão, e no seu salário. Silvia (2009, p. 1666) diz que “ a preferência da mulher, em relação ao homem para atuar na docência foi pelo fato desta constituir mão de obra barata”. Em outros termos, professor ganha pouco.

Dermatini e Antunes (Apud Rabelo et al, 2000, p. 61) diz que, “o processo de feminização do magistério foram marcado por atitudes preconceituosas como diferenças salariais, curriculares, e o conceito de ‘vocação’, induzindo as mulheres a escolhas de profissões menos masculinas”. Esse problema é somente um entre vários outros, no qual aflige a mulher na sua vida docente, pois o homem possui uma vantagem em relação ao sexo feminino, pois ele é ligado a uma imagem superior a mulher. Rabelo (et al, 2000, p. 67) deixa explicito isso ao dizer que, “ a mulher estaria sempre associada a afetividade, com déficit de raciocínio (...) as profissões movidas pela emoção seriam próprias das mulheres, e ligadas a inteligências seriam patrimônio exclusivo do homem”. Fica evidente a discriminação, uma



vez que, a mulher esta sendo vista como mostra a afirmação de forma inferior, nesse sentido ser ou está docente não é questão de vocação, mas de profissão.

Impressões: opiniões das professoras florianenses

A escola Eleutério Resende é composta por 24 professores, sendo que destes apenas seis são do sexo masculino, e dezoito do sexo feminino, diante disso podemos observar que, antigamente o que era uma profissão masculina, se tornou uma profissão de prática feminina na escola. Após virmos um pouco do aporte teórico, que fala a respeito da profissão docente e seu processo de feminização, situaremos agora um pouco das impressões que obtivemos na pesquisa do qual participaram quatro professoras da escola. Dentre as pesquisada, apenas uma afirma ter sido vitima de discriminação por gênero, no momento em que a mesma se defrontou com aspectos desvalorizantes em relação à profissão, com isso notamos que os professores estão sujeitos a atitudes preconceituosas, mas devemos ter criticidade diante dessas situações para converter essa realidade.

Através de pesquisa de cunho qualitativo, procuramos saber as influências que incentivaram algumas professoras a seguir a carreira docente, e suas visões sobre a situação do magistério atual, bem como suas expectativas de futuro, para tanto realizamos entrevistas.

Duas das professoras entrevistadas nos relataram que a situação financeira contribuiu para que as mesmas seguissem a carreira docente, pois elas afirmaram que precisavam de um emprego para subsidiar as necessidades de sua família, e encontrou na docência a solução para isso. Rabelo (et al 2000, p. 72) comenta que, “começaram a abraçar o magistério principalmente as que provinham de uma situação financeira precária”. Com isso podemos perceber que nessa ultima década a condição econômica, mais influencia decisivamente o ingresso da mulher no magistério em Florianópolis.

Ao perguntarmos as professoras sobre a influência familiar, todas responderam que suas famílias não contribuíram para que as mesmas ingressassem na vida docente, isso se contrapõe ao que Rabelo (et al, 2000, p.70) diz a respeito da escolha, “muitas vezes a mulher é influenciada na escolha de uma profissão pela família, e que um pessoa sirva de modelo”.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Compartilhando com as ideias de Farias, Isabel S.F (2008), as lembranças do tempo de infância e da adolescência representam momentos importantes na construção da identidade e dos posicionamentos nas relações sociais. Desse modo algumas influências são mais presentes do que outras, no entanto as mesmas exercem papéis decisivos no magistério, pois lidam com vidas, sonhos, humanizam-se enquanto humanizam, pois acreditamos que a principal função do docente é humanizar.

Questionamos se a escolha pelo magistério foi condicionada por estigmas da sociedade, ou seja, pelo fato da profissão docente ser considerada feminina. De acordo com as professoras, em nenhum momento elas se sentiram influenciadas pelo aspecto que permeia o imaginário social de que “docência é vocação, é coisa de mulher”, muito pelo contrário elas acreditam que um profissional se faz na profissão. Torres (1996, p.58) diz que “meninas e moças são condicionadas desde muito cedo para a escolha de carreiras curtas, para especialidades consideradas ‘fáceis’, para profissões dadas como femininas”. No entanto, pode até haver influências sociais na hora das mulheres escolherem a profissão, acontece que esse paradigma, essa linha tênue nas relações de gênero entre o que é “masculino” e “feminino”, esta se rompendo, e vemos cada vez mais as mulheres ocupando cargos que antes era predominantemente masculino.

Procuramos saber as opiniões das professoras a respeito da grande quantidade de mulheres no magistério, todas as respostas estavam relacionadas à afetividade e sentimentos maternos, assim fica evidente que os comportamentos considerados mais femininos indicam motivos que levaram a mulher a abraçar a carreira docente, porém segundo as mesmas não é somente os instintos maternos, a determinação e a profissionalização, assim como outros fatores são de suma importância para as mesmas.

Ao indagarmos sobre a presença masculina na docência as mesmas acreditam que haverá um aumento de homens no exercício da profissão docente, porém continua sendo uma profissão predominantemente feminina.

Algumas considerações



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Diante da breve explanação da temática, observamos que a mulher esta mais ligada à docência na cidade de Floriano-PI, por ter a sensibilidade, carinho, e amor maternal pelas crianças. É essa questão da mulher ser mais afetiva que para Silva (2009, p. 66) “se torna mais apta para ensinar as crianças e acompanhar seus primeiros olhares”. No entanto, identificamos também que outro motivo para a inserção da mulher no magistério foi a condição financeira.

Deparamo-nos com princípios da docência que ultrapassam o “espírito materno”, o “dom”, ou a “vocação para a docência”, e chegamos a uma compreensão de que, para exercer a docência, é necessária antes de tudo a profissionalização, e isso implica em estudos, determinação e principalmente acreditar que, podemos transformar a sociedade, realizando sonhos de crianças.

Na docência não importa se é homem ou mulher que esta a frente guiando os alunos, o importante é o compromisso com o ser humano, o de humanizar através da educação. É notória a predominância de mulheres na docência na Escola Municipal Eleutério Resende, o que pretendíamos neste trabalho era fazer essa explanação histórica da educação feminina e suas implicações na docência na cidade de Floriano, mais especificamente na escola em questão, desse modo procuramos levar ao leitor conhecimento e compreensão sobre aspectos históricos de relações de gênero, que separam didaticamente homens e mulheres em profissões. O que foi discutido neste texto é apenas uma, das várias interpretações e inferências da profissão docente.

Referências

AGUIAR, Neuma. **Gênero e ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectivas das mulheres.** Rio de Janeiro: Record, rosa dos tempos, 1997.

BITTENCOURT, Circe; KARNAL, Leandro. **Identidade nacional e ensino de História do Brasil: História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas.** São Paulo: Contexto, 2004.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Burke, Peter (org). **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

HEMGEMÜHLE, Adelar. **Formação de professores: da função de ensinar ao resgate da educação**. Petrópolis: Vozes, 2007.

LOURO, G. Gênero e Magistério: identidade, história e apresentação, In: Catani. et al (org). **Docência, memória e gênero: estudo sobre formação**. São Paulo, Editora Escrituras, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Mulheres na sala**. São Paulo, 2002.

RABELO, Amanda Oliveira; MARTINS, Antônio Maria. **A mulher no magistério brasileiro: um histórico sobre a feminização do magistério**. Artigo, 2000

SILVIA, Tomaz Tadeu da. **Teoria cultural e educação – um vocabulário crítico**. Belo Horizonte: Autentica, 2000.

SILVA, Edilene Lima da. História da Educação do Piauí: o ensino primário e a feminização do magistério, In: FERRO, M^ado Amparo; NASCIMENTO, Francisco de Assis Sousa; SOUSA, Lourenilson Leal de. **História da Educação: novos olhares, velhas questões**. Teresina: EDUFPI, 2009.

TORRES, Rosa Maria. **Educação e imprensa: o educativo como desafio jornalístico**. Editora Cortez, São Paulo, 1996.